

ANTON REISER
KARL PHILIPP MORITZ

L

TRADUÇÃO
JOSÉ FERES
SABINO

N

A

N

CAR
AMB
AIA

R

ILUSTRAÇÃO
PEDRO
FRANZ

F

T

O

N

A

POSFÁCIO
MÁRCIO
SUZUKI

—

R

E

I

V

R

R

S

E

UM
ROMANCE
PSICOLÓGICO

PARTE 1
P. 7

PARTE 2
P. 131

PARTE 3
P. 253

PARTE 4
P. 409

NOTA DO
TRADUTOR
P. 555

POSFÁCIO
P. 537





PARTE 1

Este romance psicológico poderia também ser eventualmente chamado biografia, porque as observações são em grande parte tiradas da vida real. – Quem conhece o curso das coisas humanas e sabe que, no desenrolar da vida, aquilo que inicialmente parecia pequeno e insignificante pode muitas vezes se tornar bastante importante não se incomodará com a aparente insignificância de certas situações narradas aqui. Também não se deve esperar uma variedade de personagens num livro que conta sobretudo a história *interior* do homem: pois o livro não deve dispersar a força de representação, mas concentrá-la, aguçando o olhar da alma para si mesma. – Essa questão, sem dúvida, não é assim tão simples para que toda tentativa nesse sentido resulte necessariamente em êxito – mas sobretudo, ao menos do ponto de vista pedagógico, nunca será completamente inútil o empenho de fixar a atenção do homem mais sobre si mesmo e tornar a sua existência individual mais importante para ele.





Em P., lugar famoso por suas fontes termais, vivia em sua quinta, ainda no ano de 1756, um fidalgo, líder na Alemanha de uma seita conhecida pelo nome Quietistas ou Separatistas, cujas doutrinas estão contidas sobretudo nos escritos de *Madame Guyon*, célebre fanática que viveu na França nos tempos de Fénelon e com quem também manteve relações.

O sr. de F., assim se chamava o fidalgo, morava ali tão isolado de todos os outros moradores, tão isolado da religião, dos costumes e hábitos do lugar quanto sua casa era separada deles por um muro alto que a cercava por todos os lados.

Aquela casa era como uma pequena república fechada em si, regida decerto por uma constituição completamente diferente da que havia por todo o país. Toda a criadagem da casa, até o mais humilde serviçal, era composta de pessoas cujo empenho se dirigia, ou parecia se dirigir, unicamente a entrar de novo em seu *nada* (como Madame Guyon o denominava), a *mortificar* todas as paixões e a extirpar toda *singularidade*.

Todas aquelas pessoas tinham de se reunir uma vez por dia num enorme cômodo da casa para uma espécie de culto, introduzido pelo próprio sr. de F., que consistia, sentados todos em torno de uma mesa, de olhos fechados e com a cabeça apoiada sobre ela, em esperar cerca de meia hora a fim de ouvir talvez a voz de Deus ou a *palavra interior* dentro de si. Aquele que ouvia algo anunciava então aos demais.

O sr. de F. também estipulava as leituras de seu pessoal, e quem entre os criados e criadas tivesse um quarto de hora ocioso era visto sentado e lendo em posição meditativa, tendo nas mãos os escritos de Madame Guyon sobre a *prece interior*, ou algo semelhante.

Tudo naquela casa, até a menor ocupação doméstica, tinha um aspecto grave, severo e solene. Em todos os rostos, podia-se ler *mortificação e abnegação*; e em todos os atos, *saída de si e entrada no nada*.

O sr. de F. não voltou a se casar após a morte de sua primeira esposa, mas vivia recolhido com a irmã, a sra. de P., para poder se dedicar total e tranquilamente a uma tarefa maior, a de divulgar as doutrinas de Madame Guyon.

O administrador, de nome H., e a governanta com sua filha formavam, por assim dizer, o estrato médio da casa, e, em seguida, vinha a criadagem inferior. – Essas pessoas eram de fato muito ligadas e todas tinham ilimitada veneração pelo sr. de F., cuja conduta era realmente irrepreensível, se bem que os moradores do lugar andassem às voltas com histórias as mais desagradáveis a seu respeito.

Toda noite, ele se levantava três vezes em horas marcadas para rezar e passava a maior parte do tempo, durante o dia, traduzindo do francês os escritos de Madame Guyon, uma grande quantidade de volumes, que ele então mandava imprimir a sua custa e distribuir de graça entre seus seguidores.

As doutrinas contidas nesses escritos tratam em sua grande maioria da já mencionada saída completa de

si mesmo e da entrada no bem-aventurado nada, daquela mortificação completa de toda assim chamada *singularidade* ou *amor-próprio*, e de um amor completo e desinteressado por Deus, ao qual, para ser puro, não se pode mesclar fagulha alguma de amor-próprio, de onde surge por fim uma *quietude* perfeita e bem-aventurada, objetivo mais alto de todo esse empenho.

Como Madame Guyon quase não teve outra ocupação ao longo da vida a não ser escrever, a quantidade de seus livros é tão espantosa que mesmo Martinho Lutero dificilmente pode ter escrito mais. Entre os escritos, apenas uma explicação mística de toda a Bíblia perfaz uns vinte volumes.

Madame Guyon parece ter sido muito perseguida e, como suas doutrinas eram consideradas perigosas, acabou sendo presa na Bastilha, onde faleceu após dez anos de cativeiro. Quando, depois de sua morte, lhe abriram a cabeça, encontraram seu cérebro praticamente seco. Por tudo isso, ela ainda hoje é venerada por seus seguidores como uma santa de primeira grandeza, quase uma divindade, e suas máximas são consideradas como estando à mesma altura que as da Bíblia; porque se admite que ela, pela completa mortificação de toda *singularidade*, estava certamente tão unida a Deus que todos os seus pensamentos também tinham de ser necessariamente pensamentos divinos.

O sr. de F. conhecera os escritos de Madame Guyon em sua viagem à França, e o árido fanatismo metafísico que neles reinava exerceu tanta atração em sua disposição

de ânimo que se dedicou a eles com o mesmo zelo com o qual provavelmente, em outras circunstâncias, teria se dedicado ao mais elevado estoicismo, com o qual as doutrinas de Madame Guyon, levando-se em conta a completa mortificação de todos os desejos etc., tinham por vezes uma semelhança evidente.

Ele também era igualmente venerado como um santo por seus seguidores, e realmente julgavam que era capaz de ver o íntimo da alma de uma pessoa à primeira vista.

Peregrinos de todos os cantos acorriam a sua casa, e entre os que a visitavam ao menos uma vez por ano estava também o pai de *Anton*.

Esse homem, que crescera sem uma educação formal, casara-se muito cedo com a primeira esposa e levava sempre uma vida bastante desregrada e errante. Ainda que tenha experimentado por vezes alguns arrebatamentos religiosos, não lhes deu a devida atenção. Até que, após a morte de sua primeira mulher, caiu de repente em si, tornando-se subitamente pensativo e, como se diz, um homem completamente diferente; durante sua permanência em P., conheceu primeiro por acaso o administrador do sr. de F. e em seguida, por meio deste, o próprio sr. de F.

Pouco a pouco, este foi lhe dando a ler os escritos de Madame Guyon, pelos quais ele tomou gosto, logo se tornando um seguidor declarado do sr. de F.

Não obstante, teve a ideia de se casar outra vez, e conheceu a mãe de Anton, que logo consentiu em se casar, o que jamais teria feito se tivesse pressentido o inferno de

infortúnio que viria a ameaçá-la no casamento. Ela esperava de seu marido ainda mais amor e cuidado do que tinha até então desfrutado entre seus parentes, mas que terrível engano ela sofreu.

Quanto mais a doutrina de Madame Guyon a respeito da total mortificação e do aniquilamento de todas as paixões, inclusive as ternas e meigas, concordava com a alma dura e insensível de seu marido, menor era a possibilidade de algum dia ela se entender com essas ideias, contra as quais seu coração se insurgia.

Esse foi o primeiro embrião de todas as posteriores desavenças conjugais.

O marido começou a desprezar suas convicções, porque ela não queria aprender os elevados mistérios que Madame Guyon ensinava.

O desprezo alcançou posteriormente também suas demais convicções, e quanto mais ela o sentia tanto mais o amor conjugal inevitavelmente diminuía, e a insatisfação recíproca aumentava a cada dia.

A mãe de Anton era profundamente versada na Bíblia e tinha um conhecimento bastante claro de seu sistema religioso; ela sabia, por exemplo, falar de modo bastante edificante sobre como a fé sem obras é morta etc.

De fato, ela lia a Bíblia por horas e horas com profunda satisfação, mas, assim que seu marido tentava ler para ela em voz alta os escritos de Madame Guyon, ela sentia uma espécie de receio, nascido supostamente da ideia de que dessa maneira se desviaria da verdadeira fé.

Ela então procurou de todos os modos se libertar. – Ademais, atribuía muito da natureza fria e insensível do marido à doutrina de Madame Guyon, que ela começou a amaldiçoar cada vez mais em seu coração, e amaldiçoava em voz alta quando irrompeu de vez a discórdia conjugal.

Assim a paz doméstica, a tranquilidade e o bem-estar de uma família foram abalados durante anos por esses livros desastrosos, que provavelmente nem um nem outro eram capazes de entender.

Nessas circunstâncias nasceu Anton, e dele se pode dizer verdadeiramente que foi oprimido desde o berço.

Os primeiros sons que seu ouvido escutou e que seu entendimento nascente compreendeu foram insultos e maldições recíprocos do casal, que se achava ligado por laços indissolúveis.

Embora tivesse pai e mãe, ele foi abandonado pelos dois já na infância, pois não sabia a quem deveria se unir, a quem se agarrar, já que ambos se odiavam e ele estava tão próximo de um quanto do outro.

Na infância, jamais recebeu os afagos de pais carinhosos, nem mesmo o sorriso recompensador deles após um pequeno esforço de sua parte.

Quando entrava na casa dos pais, entrava numa casa de insatisfação, ira, lágrimas e lamentos.

Durante toda a vida, essas primeiras impressões jamais foram apagadas de sua alma, convertendo-se muitas vezes em ponto de encontro de pensamentos sombrios que ele não conseguiu remover com nenhuma filosofia.

Quando seu pai foi para a frente de batalha na Guerra dos Sete Anos, sua mãe e ele foram viver durante dois anos numa pequena aldeia.

Lá ele teve bastante liberdade e algumas compensações pelos sofrimentos de sua infância.

As imagens dos primeiros prados que viu – o trigal que subia por uma leve colina e era coroado no alto por bosques verdes, a montanha azul, alguns arbustos e árvores que lançavam suas sombras sobre a relva verdejante ao sopé da montanha e tornaram-se cada vez mais densos à medida que subiam –, essas imagens continuam a se misturar entre seus pensamentos mais agradáveis e constituem, por assim dizer, a base de todas as imagens ilusórias que sua fantasia costuma pintar.

Mas como aqueles dois anos felizes passaram voando!

Restabelecida a paz, a mãe de Anton se mudou com ele para a cidade, a fim de morar com o marido.

A longa separação do pai provocou uma breve ilusão de harmonia conjugal, mas uma tempestade muito mais terrível se seguiu à calmaria enganosa.

O coração de Anton se desfazia em tristeza ao ter de dar razão a um de seus pais, e isso ocorria muitas vezes quando seu pai, a quem ele simplesmente temia, tinha mais razão que sua mãe, a quem ele amava.

Assim, com relação aos pais, sua alma de menino oscilava constantemente entre ódio e amor, entre medo e confiança.

Pouco antes de Anton completar 8 anos, sua mãe deu à luz o segundo filho, sobre quem recaiu inteiramente o

pouco do amor paterno e materno restante, de tal modo que ele foi quase completamente abandonado, e, sempre que se falava dele, ouvia-se designá-lo com uma espécie de desdém e desprezo que lhe atravessavam a alma.

Como poderia, pois, nascer nele o desejo veemente de ser tratado afetuosamente se ele mesmo jamais havia sido habituado a isso e, portanto, mal podia ter a mais vaga ideia a respeito?

É claro que esse sentimento acabou perdendo bastante seu vigor; para ele era quase como se precisasse ser constantemente repreendido, e o olhar amigo que certa vez recebeu foi algo completamente estranho para ele, pois não se ajustava muito bem às reprimendas que geralmente recebia.

Sentia intensamente a necessidade da amizade de seus semelhantes: e, com frequência, quando via um garoto de sua idade, sua alma inteira se apegava, e teria dado tudo em troca da amizade do garoto; mas o sentimento humilhante de desprezo que recebia dos pais e a vergonha por causa de suas roupas pobres, sujas e rasgadas o detinham de tal modo que ele não se atrevia a falar com nenhum garoto mais afortunado.

Assim, ele andava quase sempre triste e solitário, porque a maioria da garotada da vizinhança, mais ordeira, asseada e bem-vestida, não queria contato com ele, e com os demais era ele que não queria ter nenhum contato por causa do desleixo deles e quem sabe também por certo orgulho.

Ele não tinha ninguém a quem pudesse se unir, nenhum colega de infância, nenhum amigo, quer entre os grandes, quer entre os pequenos.

Apesar de tudo, aos 8 anos, seu pai começou a ensiná-lo a ler aos poucos e acabou lhe comprando dois pequenos livros, um contendo instruções sobre como soletrar e o outro, um tratado contra o soletrar.

No primeiro, Anton tinha de soletrar sobretudo complicados nomes bíblicos, tais como Nabucodonosor, Abdênago etc., que ele não tinha a menor ideia de quem poderiam ter sido, de modo que o aprendizado caminhou um pouco lento.

Mas, tão logo percebeu que ideias sensatas eram realmente expressas pela combinação das letras, sua curiosidade para aprender a ler se tornou dia a dia mais forte.

Seu pai mal lhe dera algumas horas de instrução, e ele aprendeu a ler sozinho em poucas semanas, para o espanto de todos.

Com profunda satisfação, ele ainda agora se lembra da intensa alegria que então sentiu quando proferiu pela primeira vez, com muito custo, soletrando bastante, algumas linhas nas quais podia entender alguma coisa.

Mas não conseguia compreender como era possível que os outros pudessem ler tão rápido quanto falavam; nessa época, ficou completamente desesperado com a possibilidade de não conseguir.

Tanto maiores foram sua surpresa e sua alegria quando também o conseguiu, depois de algumas semanas.

Ao que parece, isso também fez com que recebesse alguma consideração dos pais, e ainda mais dos parentes, algo que não lhe passou despercebido, mas que jamais se tornou a causa real que o estimulava a estudar.

Sua curiosidade de ler era insaciável. Por sorte, no livro de instrução para soletrar havia também, além das máximas bíblicas, algumas narrativas sobre crianças devotas, lidas por ele mais de cem vezes, embora não tivessem tanto atrativo.

Uma delas era sobre um garoto de 6 anos que, na época das perseguições, não quis renegar a religião cristã, preferindo passar pelas mais terríveis torturas e morrer ao lado da mãe como um mártir da religião; a outra era sobre um garoto malvado de 20 anos que se converteu e faleceu logo em seguida.

Agora era a vez do outro pequeno livro, o do tratado contra o soletrar, no qual ele, para grande espanto seu, leu que era prejudicial, e mesmo nocivo à alma, ensinar as crianças a ler soletrando.

Nesse livro encontrou também um método para professores ensinarem as crianças a ler e um tratado sobre como proferir cada sílaba pelos órgãos da fala: por mais árido que lhe parecesse, leu o livro de cabo a rabo com máxima perseverança, na falta de algo melhor para fazer.

A leitura lhe abriu subitamente um mundo novo cujo deleite lhe permitiu compensar de certo modo todas as coisas desagradáveis de seu mundo real. Quando ao seu redor só havia barulhos, repreensões e desavença doméstica, quando não encontrava ninguém com quem brincar, ele corria para seu livro.

Assim, desde muito cedo foi deslocado de um mundo infantil natural para um mundo idealista antinatural, o que indispsôs seu espírito para milhares de alegrias da vida, as quais outras pessoas eram capazes de desfrutar de alma plena.

Aos 8 anos, ele contraiu uma doença debilitante. Não lhe deram esperança de vida, e ouvia falar constantemente de si como de alguém já considerado morto. Isso sempre lhe pareceu ridículo, ou melhor, morrer, como então imaginava, era algo mais ridículo do que grave. Sua prima, que parecia gostar um pouco mais dele do que os pais, levou-o enfim ao médico, e o tratamento de alguns meses o restabeleceu.

Fazia apenas poucas semanas que havia se recuperado, quando, num passeio pelo campo com os pais, o que era algo muito raro e por isso mesmo tanto mais atraente, seu pé esquerdo começou a doer. Depois de ter se recuperado da doença, aquele tinha sido seu primeiro passeio e durante um bom tempo seria o último.

No terceiro dia, o inchaço e a inflamação do pé tinham se agravado tanto que no quarto dia começaram a pensar numa amputação. A mãe de Anton ficou abatida e chorou, e seu pai lhe deu 2 centavos. Essas foram as primeiras demonstrações de compaixão de seus pais de que Anton se lembrava, e, por sua raridade, deixaram uma impressão ainda mais forte nele.

Na véspera do dia marcado para a amputação, um sapaiteiro misericordioso veio ter com a mãe de Anton, trazendo-lhe uma pomada cuja aplicação amainou em poucas horas o inchaço e a inflamação no pé. Ainda que se tenha evitado a amputação, a lesão levou quatro anos para ser curada, tempo em que nosso Anton, sofrendo frequentemente dores indizíveis, teve de renunciar outra vez a todas as alegrias da infância.

Em função da ferida, Anton não pôde sair de casa por um trimestre inteiro, pois ela melhorava um pouco e voltava a se abrir.

Muitas vezes, teve de gemer e se queixar durante noites inteiras, suportando quase diariamente as mais terríveis dores por causa das ataduras. Naturalmente, isso o afastava mais do mundo e do contato com seus semelhantes, prendendo-o cada vez mais à leitura e aos livros. No mais das vezes, ele lia enquanto embalava o irmão mais novo, e, se naquela época lhe faltava um livro, era como se lhe faltasse um amigo: pois, para ele, o livro tinha de ser amigo e consolador e tudo o mais.

Aos 9 anos, ele já tinha lido do começo ao fim tudo o que havia de história na Bíblia; e quando morria um dos personagens principais, como Moisés, Samuel ou Davi, ele era capaz de passar o dia todo entristecido, sentindo-se como se tivesse morrido um amigo, pois as pessoas que tinham feito algo admirável no mundo e adquirido renome se tornavam sempre muito caras para ele.

Assim, Joab era seu herói, e lhe dava pena sempre que era levado a pensar algo ruim sobre ele. Os traços de generosidade nas histórias de Davi, quando este poupava o pior inimigo mesmo tendo-o em seu poder, comoviam-no particularmente até as lágrimas.

Caiu-lhe então nas mãos a *Vida dos padres do deserto*, que seu pai tinha em alto apreço, citando os padres como autoridades em qualquer situação. Seus discursos morais começavam habitualmente assim: *Madame Guyon afirma*, ou *Santo Macário ou Santo Antônio disse etc.*

Os padres, por mais absurdas e excêntricas que suas histórias muitas vezes pudessem ser, foram para Anton os modelos mais dignos de imitação, e durante algum tempo o único desejo que conheceu foi tornar-se parecido com Santo Antônio, seu maior homônimo, e, como ele, abandonar pai e mãe e fugir para o deserto que esperava encontrar não muito longe da entrada da cidade e para onde certa vez empreendeu realmente uma viagem, quando se afastou mais de cem passos da casa dos pais, e talvez tivesse ido mais longe ainda se as dores do pé não o tivessem obrigado a retornar. Ele começou até mesmo a se espetar de vez em quando com agulhas, ou a se torturar, para se assemelhar de certo modo aos padres santos, já que dores eram o que não lhe faltava.

Durante aquelas leituras, ganhou de presente um pequeno livro de cujo título não se lembra, mas que tratava de um temor primordial a Deus, e nele havia instruções de como se poderia, dos 6 aos 14 anos, crescer na devoção. Os tratados nesse livrinho eram assim intitulados: “Para crianças de 6 anos”, “Para crianças de 7 anos” etc. Anton leu então a parte “Para crianças de 9 anos” e achou que ainda tinha tempo de ser tornar um homem religioso, pois só tinha perdido três anos.

Isso comoveu sua alma inteira, e a decisão de converter-se foi muito firme, como raramente acontece mesmo entre os adultos. Daquele momento em diante, seguiu à risca tudo o que estava escrito no livro sobre oração, obediência, paciência, ordem etc., e qualquer passo precipitado ele transformava quase num pecado. A que distância,

pensou, já não estarei em cinco anos se eu persistir assim? Pois no livrinho o avanço na devoção havia se transformado, por assim dizer, numa questão de ambição, assim como nos alegramos ao subir de uma classe para outra cada vez mais elevada.

Às vezes, como era natural, ele se esquecia de si e, sentindo alívio no pé, saía correndo ou pulando por aí, pelo que sofria então os mais violentos remorsos, e para ele era sempre como se tivesse de voltar a descer alguns degraus.

O livrinho exerceu forte influência sobre suas ações e convicções, pois ele procurava também pôr imediatamente em prática aquilo que lia. Com muito escrúpulo, lia a cada dia da semana as bênçãos matutinas e vespertinas, porque no catecismo se dizia que era obrigatório lê-las; tampouco se esquecia de fazer, como era prescrito no catecismo, o sinal da cruz e dizer *Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém*.

No mais, ele via pouca gente devota, apesar de quase sempre ouvir falar muito dela e de sua mãe o abençoar toda noite e jamais se esquecer, antes que ele dormisse, de fazer o sinal da cruz sobre ele.

O sr. de F. traduzira para o alemão, entre outras coisas, os cânticos espirituais de Madame Guyon, e o pai de Anton, que conhecia música, adaptou para eles melodias que tinham sobretudo um andamento rápido e alegre.

Se porventura ocorresse de ele voltar para casa após uma longa separação, a esposa se deixava persuadir a cantar, acompanhada por ele à cítara, alguns desses cânticos. Em geral, isso acontecia logo após a alegria do reencontro,

e essas horas seriam provavelmente ainda as mais felizes do casal.

Anton ficava felicíssimo e com frequência juntava, tanto quanto podia, sua voz aos cânticos, que eram um sinal da raríssima harmonia e concórdia recíproca entre seus pais.

Seu pai lhe deu os cânticos porque já o considerava maduro o bastante para essa leitura e obrigou-o a decorar uma parte deles.

A despeito da tradução dura, os cânticos ainda tinham realmente tanta ternura de alma, uma doçura tão inimitável na expressão, um claro-escuro tão suave na apresentação e tanta atração irresistível para uma alma delicada que a impressão deixada no coração de Anton permaneceu indelével.

Muitas vezes, nas horas solitárias em que pensava ter sido abandonado por tudo e por todos, ele se consolava com o cântico da feliz saída de si mesmo e da doce aniquilação na fonte primordial da existência.

Assim, já naquele tempo suas ideias infantis lhe reservavam frequentemente uma espécie de tranquilidade celestial.

Certa vez, seus pais foram convidados pelo dono da casa em que moravam para uma pequena festa de família à noite. Anton foi obrigado a assistir da janela às crianças da vizinhança chegando bem-vestidas para a festa, enquanto ele tinha de permanecer sozinho no quarto, porque seus pais tinham vergonha de seus péssimos trajes. Anoteceu e ele começou a sentir fome; e seus pais não lhe haviam deixado nem um pedacinho de pão.